

A NECRÓPOLE DA LOBAGUEIRA, VISEU: EXPRESSÕES DE ARTE E ARQUITETURA DO MEGALITISMO DA BEIRA ALTA, CENTRO DE PORTUGAL.

THE NECROPOLIS OF LOBAGUEIRA, VISEU: MEGALITHIC ART AND ARCHITECTURE IN BEIRA ALTA, CENTRAL PORTUGAL

Pedro Sobral de Carvalho, Eon, Indústrias Criativas, Lda

Lara Bacelar Alves, Bolseira Pós-doc (FCT). Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Universidade de Coimbra.

RESUMO

A necrópole da Lobagueira, localizada na freguesia de Coutos de Viseu, no concelho de Viseu, Centro de Portugal, é, sem dúvida, uma das mais extensas e complexas concentrações de monumentos sob *tumuli* de Portugal. Se, por um lado, esta vasta necrópole é dominada pelas grandes mamoaas do Neolítico, não podemos descurar a quantidade de monumentos de menor dimensão, com cronologias mais recentes, que, na maioria satelitizam as mamoaas neolíticas, como a conhecida Antela do Repilau.

No entanto, uma das particularidades desta necrópole é a presença de arte gravada e pintada, nomeadamente na Mamoa do Fojo ou Lobagueira 4 e na Lapa do Repilau. Este artigo pretende, assim, apresentar os resultados dos estudos recentemente efetuados das manifestações artísticas nestes dois monumentos, enquadrando-os no seu contexto crono-cultural e geográfico. Não obstante o conhecimento ainda muito parcelar de que dispomos na actualidade, procurar-se-á capturar momentos de inteligibilidade histórica no tempo longo de vigência da necrópole, mediante uma reflexão em torno das continuidades e descontinuidades entre arte, arquitecturas e os usos do espaço natural.

PALAVRA-CHAVE: Megalitismo; Arte megalítica; Centro-norte de Portugal

ABSTRACT

Lobagueira megalithic tombs are located in the parish of Coutos de Viseu, Viseucounty, in central-northern Portugal and is one of the most extensive and complex portuguese assemblages. The cluster is dominated by large Neolithic mounds, yet we cannot disregard the number of monuments, smaller in size and

more recent in date, that frequently sit around Neolithic tombs, like Antela do Lara Bacelar Alves, Bolseira Pós-doc (FCT). Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Universidade de Coimbra. Pedro Sobral de Carvalho, Eon, Indústrias Criativas, Lda 294 |Repilau.

One of the particularities of this group is the presence of paintings and carvings on the tomb's slabs, namely at Mamoá do Fojo or Lobagueira 4 and Lapa do Repilau. This paper intends to present the results of the most recent studies carried out on the megalithic art of both these monuments, in the frame of their chronological, socio-cultural and geographic contexts. Despite the limited knowledge available at present, we shall attempt to capture a few moments of the long-term biography of both the tombs and the clusters, by means of a re-assessment of the continuities and discontinuities

KEY WORDS: *Megaliths; Megalithic art; Central-northern Portugal*

1. INTRODUÇÃO:

A necrópole da Lobagueira localiza-se a cerca de 7 Km a noroeste da cidade de Viseu encontrando-se inserida na freguesia de Coutos de Viseu, no concelho de Viseu.

Em pleno planalto beirão, a uma altitude média de 500 m a.n.m., os monumentos distribuem-se nos terrenos mais elevados, hoje ocupados por mato e coberto arbóreo, em torno da fértil várzea onde se ergueu a povoação de Lobagueira. (Figura 1)

De acordo com a Carta Geológica de Portugal à escala 1: 50 000, folha 17-A, o conjunto ocupa uma zona caracterizada pela presença de uma litologia de granitos moscovíticos de grão médio a fino, de duas micas, pertencente ao maciço da Sr^a do Castro. A zona da necrópole é atravessada por uma falha geológica como sentido NNW-SSE. Imediatamente para poente, estende-se, até uma distância de cerca de 6 kms da necrópole, uma área de enorme concentração de explorações mineiras de estanho, balizada entre a bacia de recolha da ribeira de Asnes e até à ribeira de Ribamá.

2. APONTAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS

A necrópole da Lobagueira é referida pela primeira vez por Amorim Girão em 1923 (Girão, 1923), apontando a existência de nove monumentos: Lapa do Repilau, Mamoá dos 25 Marcos, Mamoas 1 a 3 das Queimadas, Mamoas 1 e 2 da Lameira do Fojo e mais dois monumentos de difícil localização, um “a sul da povoação das Pereiras” (1923: 285) e outro “um pouco a Nascente da Mamoá dos 25 Marcos” (*idem, ibidem*). Em relação a este último, cremos ter havido alguma confusão do autor, repetindo-se, visto tratar-se de uma

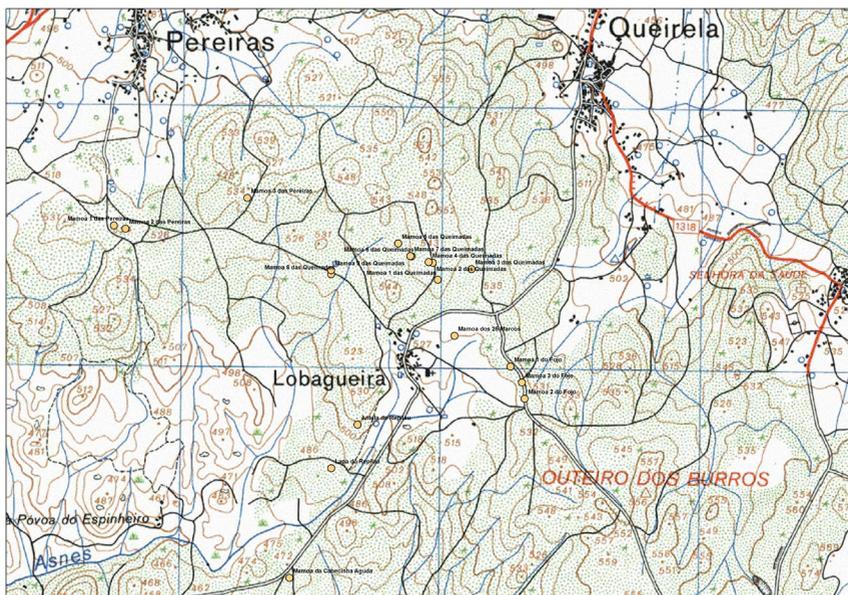


Figura 1: Localização da necrópole da C. M. P. 1:25.000, fl.º 177.

das mamoas da Lameira do Fojo, concretamente a mamoa 1.

Alguns monumentos desta necrópole voltam a ser alvo de referência em 1968 em resultado de trabalhos arqueológicos executados em 1966 em alguns túmulos da Beira Alta no âmbito da Missão arqueológica Leisner/Ribeiro (Ribeiro, 1968). Grande parte dos resultados obtidos foram estudados por Vera Leisner e publicados postumamente (Leisner, 1998). De facto, o primeiro texto publicado sobre estes trabalhos refere escavações no monumentos Chã dos Brancos, Vale da Cabra, Torta, Repilau e “mais três outros juntos à povoação da Lubagueira” (Ribeiro, 1968: 13). Destes, apenas conseguimos localizar o Vale da Cabra e o do Repilau, sendo provável que os três monumentos referidos junto à povoação da Lobagueira correspondam aos monumentos 1 a 3 das Queimadas.

Vera Leisner, por outro lado, refere igualmente um monumento relativamente próximo, que denomina de Penedo da Argola, na freguesia de Bodiosa que ainda não conseguimos relocalizar (Leisner, 1998: 33).

Em 1966 Irisalva Moita inclui no seu inventário de monumentos megalíticos da Beira Alta, alguns monumentos, repetindo a informação de A. Girão (Moita, 1966: 211-212).

Em 1989, integrado no programa “Valorização do Património Megalítico”

desenvolvido pelo então Serviço Regional de Arqueologia foram efetuados trabalhos arqueológicos na Lapa do Repilau e na Antela do Repilau. Infelizmente, apenas os resultados do segundo monumento foram publicados (Cruz et alii, 1989).

Esta necrópole é igualmente referida no Roteiro Arqueológico da Região de Turismo Dão Lafões (Pedro et alii, 1994: 116-120), onde ressalta o apontamento de um terceiro monumento no núcleo do Fojo, muito destruído (*idem, ibidem*: 118).

Um estudo um pouco mais completo da necrópole é feito em 1994 no âmbito de um artigo sobre a Mamoia 1 da Lameira do Fojo (Gomes & Carvalho, 1995). Os autores referem 14 monumentos em redor da povoação da Lobagueira, dividindo-os em três núcleos: Repilau, Fojo e Queimadas.

Efetivamente, na mesma linha de raciocínio, podemos incluir os monumentos sob *tumuli* em torno das povoações de Lobagueira e de Pereiras numa única e ampla necrópole, a Necrópole da Lobagueira constituída por 19¹ monumentos de diversas tipologias e cronologias que se podem dividir em quatro núcleos: Repilau, Queimadas, Lameira do Fojo e Pereiras. Interessa, no entanto, realçar a intensa cobertura vegetal deste território, que impede a realocação e descrição de alguns monumentos, comprometendo seriamente a identificação de outros que eventualmente possam existir.

Esta vasta necrópole localizada em pleno no Planalto de Viseu, aproveita algumas superfícies aplanadas para a implantação dos monumentos e faz parte de um conjunto certamente bem mais numeroso de monumentos sob *tumuli* cuja realidade está longe de ser conhecida². O facto mais relevante de uma análise, ainda que genérica, é a constatação de que os núcleos que compõem esta necrópole incluem monumentos de diversas tipologias e cronologias, sendo claro, deste modo, o processo de necropolização ao longo de várias centenas de anos. Ainda que faltem estudos exaustivos dos resultados obtidos nos monumentos intervencionados (Lapa do Repilau, Mamoia 1 da Lameira do Fojo, Mamoias 1 a 3 das Queimadas)³ e tendo como base os resultados publicados na obra póstuma de Vera Leisner, tudo leva a crer ter havido um primeiro momento, no Neolítico Final, sensivelmente entre os finais do Vº e princípios do IVº milénio a. C., caracterizado por monumentos de grandes dimensões com e sem corredor, alguns dos quais terão sido reocupados em fases posteriores, no Calcolítico ou Idade do Bronze, como parece apontar parte do espólio da Lapa do Repilau, caracterizados essencialmente por peças líticas evoluídas e vasos tronco-cónicos. Admitimos, no entanto, a construção de novos monumentos neste mesmo período, coexistindo, desta forma, com os sepultamentos em “velhos” dólmens, reuti-

¹ Grande parte das considerações que fazemos sobre a necrópole resultam da prospeção de campo efetuada por um dos autores (PSC) e Luis Filipe Coutinho em 1991.

434 ² De referir igualmente a referência a um monólito em granito perto da povoação de Pereiras (40° 42' 30.199" N 08° 00' 23.170" W) considerado como menir (Caninas et alii, 2004: B44). A presença nas imediações de muitos outros monólitos do género, fazem-nos duvidar desta interpretação, podendo antes ser considerado uma demarcação de terreno.

lizando-os. Num momento posterior, cronologicamente situado nos finais da Idade do Bronze, algures entre o séc. XII e o IX a. C., terão sido construídas as pequenas mamoadas das Queimadas 4 a 7, uma delas com uma estrutura cistoide na zona central. A construção deste tipo de *tumuli* nas periferias das necrópoles megalíticas ou a satelitizar as mamoadas neolíticas é uma constatação cada vez mais generalizada do fenómeno tumular da Pré-história Recente da Beira Alta. Por outro lado, cremos que terá sido numa destas pequenas mamoadas que terá sido feito o achado de uma urna com cinzas citado por Amorim Girão quando refere “numa dessas mamoadas, quando se tiravam pedras que escondia, aparecera ‘uma tijela de barro vermelha cheia de cinza’ e vários objetos que não puderam precisar” (Girão, 1921: 285).

3. A NECRÓPOLE DA LOBAGUEIRA

3.1. Os monumentos

3.1.1. Núcleo do Repilau

Conjunto de três monumentos (Lapa do Repilau, Antela do Repilau e Cabecinho da Mama) com volumetrias e implantações diferenciadas. Se, por um lado, a Lapa do Repilau e o Cabecinho da Mama se encontram inseridos numa área de vale aberto, já a Antela do Repilau, ocupa uma pequena esplanada estrangulada e rodeada de afloramentos, havendo uma clara intenção de, ao invés dos monumentos vizinhos, se esconder e mimetizar na paisagem envolvente.

Lapa do Repilau

CNS 1000 / Coordenadas Geográficas: 40° 41' 42.1" N 07° 59' 18.9" W

Localiza-se no sítio denominado de “Repilau”, em terreno de pinhal a 500m SSO da povoação da Lobagueira, freguesia dos Coutos de Viseu, concelho de Viseu.

Referido pela primeira vez por Amorim Girão (Girão, 1923-24: 283-284) que o visita e descreve após uma visita feita em 1921, ressaltando a publicação de uma foto do monumento ostentando ainda a laje de cobertura da câmara, entretanto fragmentada nos anos 60 do séc. XX, para a construção de uma represa de água (Cruz, 1990: 1).

Em 1988 este monumento é alvo de novos trabalhos arqueológicos no âmbito do projeto de Valorização de Monumentos megalíticos da região centro desenvolvido pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro sob a direção de Domingos Cruz. A única referência sobre os resultados destes trabalhos é uma nota em que se refere que foi exumado numeroso espólio nomeadamente “conjuntos de pontas de seta – predominando as de base

² A prospeção das áreas aridas do concelho de Vouzela aumentou em mais de 200% o número conhecido de monumentos deste concelho (Carvalho & Carvalho, neste volume).

³ O único monumento exaustivamente estudado foi a Antela do Repilau (Cruz et alii, 1989).

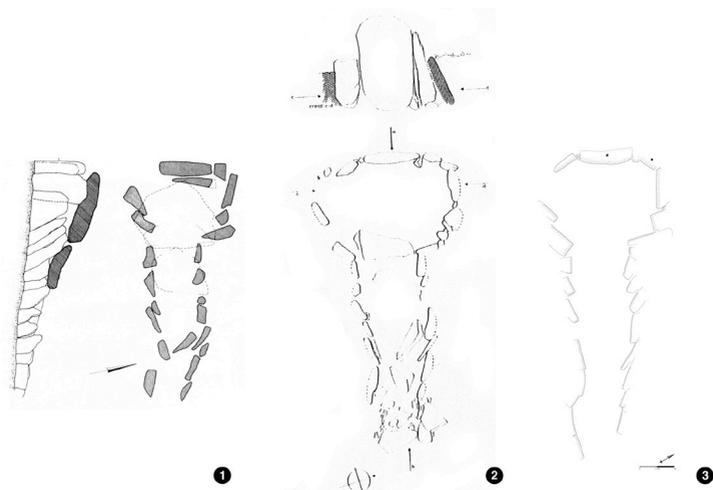


Figura 2: Plantas e alçados da Lapa do Repilau: 1. Segundo Leisner, 1998; 2. Segundo Cruz, 1998; 3. Segundo Carvalho, 2013.

triangular e corpo curto, micrólitos trapezoidais, lâminas, objetos de adorno, etc., além de um ‘ídolo-placa’, em grés, com gravação nas duas faces, e uma ‘plaquinha’ de tipo idóliciforme; é também significativo o conjunto ceramológico (...)” (Cruz, 1990: 1).

A Lapa do Repilau é um monumental dólmen complexo composto por uma câmara poligonal alargada de nove esteios com 2,75m de comprimento, 4m de largura e 2,75m de altura e corredor desenvolvido, orientado a E.SE., com 5,40m de comprimento, diferenciado da câmara em planta e alçado, constituído por oito esteios no lado norte e nove do lado sul, mantendo a altura constante de 1,80m (figura 2).

Antela do Repilau

CNS 33621 / Coordenadas Geográficas: 40° 41' 47.5" N 07° 59' 14.6" W
 Monumento constituído por *tumulus* baixo tipo *cairn*, planta subcircular com 6 m de diâmetro.

A câmara inseria-se sensivelmente na parte central do tumulus, descentrada no sentido N.O., com planta circular de 1,70m de diâmetro, formada por 21 pequenos esteios, dispostos segundo duas fiadas, sobrepostos, oscilando entre os 40 cm e 120 cm de altura, colocados diretamente sobre o substrato rochoso (Cruz *et alii*, 1989)

Mamoá da Cabecinha Aguda

CNS 33629 / Coordenadas Geográficas: 40° 41' 28.5" N 07° 59' 25.8" W

473m

Mamoia de planta subcircular com 17m de diâmetro e aproximadamente 1m de altura, implantado num relevo natural que lhe proporciona maior monumentalidade. Não apresenta sinais evidentes de violação e nem é visível qualquer esteio da sua estrutura interna. Um muro de divisória de terreno atravessa o monumento no sentido N.NE-S.SO.

José Coelho refere no dia 1.09.1933 o topónimo “Cabecinha Aguda, Lapa (dólmen)?” (Coelho, 1933-1934: fl 24). Será que se referia a este monumento ou à Lapa do Repilau?

3.1.2. Núcleo das Queimadas

Este é, sem dúvida, um dos núcleos mais interessantes da necrópole da Lobagueira e, cremos, do megalitismo beirão, pois integra não apenas monumentos megalíticos de câmara simples e de corredor, como também pequenos *tumuli* do Bronze Final que encerrarão estruturas funerárias de tipo cista ou fossa, do género das estudadas na Casinha Derribada/Serra da Muna na freguesia de Mundão ou na Senhora da Ouvida, Castro Daire, entre outros.

Este núcleo de monumentos é referido primeiro por A. Girão que aponta três “construções megalíticas bastante danificadas” das quais faz planta.

Mamoia 1 das Queimadas

Coordenadas Geográficas: 40° 42'05.5" N 07° 59'01.4" W 543m

Denominado por Lobagueira 1 por Vera Leisner (LEISNER, 1998: 34), trata-se de um monumento de câmara simples, poligonal, alargada (comp. máximo - 2,20 m; larg. máxima - 2,46 m) com sete esteios visíveis, em granito, não sobrepostos, mas sim encostados.

A mamoa, implantada sobre um pequeno relevo natural, que lhe permite maior monumentalidade, ostenta um contorno circular com diâmetro médio de 14,50m e aproximadamente, 1,5m de altura.

Este monumento é referenciado por Amorim Girão, mencionando a existência de 6 esteios (Girão, 1923-1924: 284-285).

Dos trabalhos arqueológicos efetuados por Vera Leisner não resultou a obtenção de qualquer espólio (Leisner, 1998: 34 e Estampa 21, I-15-40).

Mamoia 2 das Queimadas

Coordenadas Geográficas: 40° 42'07.6" N 07° 59'02.2" W / 543 m

Dólmen de câmara poligonal simples, bastante arruinado, conservando quatro esteios completos visíveis, em granito.

A mamoa, implantada sobre um pequeno relevo natural o que lhe confere maior monumentalidade, apresenta um contorno circular com cerca de 19 m de diâmetro e aproximadamente 1,5 m de altura.

Este monumento é referenciado por Amorim Girão, mencionando a existência de 3 esteios (Girão, 1923-1924: 284)

Dos trabalhos arqueológicos efetuados por Vera Leisner neste monumento que denomina por Lobagueira 2, não resultou a obtenção de qualquer espólio (Leisner, 1998: 34 e Estampa 21, I-15-41).

Praticamente encostado ao limite noroeste do *tumulus*, encontra-se uma pequena mamoa satélite (Mamoa 4 das Queimadas).

A planta feita em 1991 tem como ponto O convencional o topo do esteio 2.

Mamoa 3 das Queimadas

Coordenadas Geográficas: 40° 42' 07,6'' N 07° 59' 02,2'' W 540m

Mamoa de contorno subcircular com cerca de 10 m de diâmetro e aproximadamente 1 m de altura que encerra, provavelmente um dólmen de corredor. Da sua estrutura interna, bastante arruinada e com profunda concavidade central, conservam-se pelo menos quatro esteios graníticos, parcial ou totalmente deslocados.

O monumento é utilizado como elemento demarcatório de propriedade, sendo atravessado por um muro de pedra vã.

Dos trabalhos arqueológicos efetuados por Vera Leisner neste monumento que denomina de Lobagueira 3, não resultou a obtenção de qualquer espólio (Leisner, 1998: 34 e Estampa 21, I-15-42).

Amorim Girão também o refere mencionando a existência de sete esteios (Girão, 1923-1924: 284-285).

Mamoa 4 das Queimadas

Coordenadas Geográficas: 40° 42' 07.7'' N 07° 59' 02.9'' W 540 m

Tumulus de reduzidas dimensões e pouco perceptível no terreno, podendo envolver uma ou mais estruturas do tipo cista ou outro tipo de estruturas.

Em terra e pedras, ostenta um contorno subcircular, com cerca de 4,5m de diâmetro e aproximadamente 0,20m de altura e assume-se como um satélite da Mamoa 2.

A sua cronologia deve situar-se em torno dos finais da Idade do Bronze.

Mamoa 5 das Queimadas

Coordenadas Geográficas: 40° 42' 10.0'' N 07° 59' 07.9'' W 541 m

Monumento inserido na periferia da chã, pouco relevante no terreno, eventualmente encerrando uma câmara de tipo cistoide ou outro tipo de estrutura.

O *tumulus* de contorno subcircular com cerca de 8m de diâmetro e 0,40m de altura, é constituído por inúmeros elementos pétreos graníticos, de pequenas e médias dimensões, apresentando uma ligeira depressão central e delimitado por anel lítico.

Sobre este, numa posição relativamente descentrada, e aproximando-se da periferia oeste, afloram os topos de duas pequenas lajes - c. de 0,11 m de espessura, variando o comprimento entre os 0,38 m e os 0,45 m, indiciando a existência de uma estrutura cistoide. Sensivelmente a meio do *tumulus*, conserva-se um fragmento de laje, podendo corresponder à tampa desta mesma estrutura.

Mamoa 6 das Queimadas

Coordenadas Geográficas: 40° 42'08.4" N 07° 59'05.7" W

Monumento de pequenas dimensões e pouco relevado no terreno⁴. Pode encerrar uma estrutura do tipo cista e estruturalmente do mesmo tipo dos monumentos 4 e 5 do núcleo das Queimadas.

Mamoa 7 das Queimadas

Coordenadas Geográficas: 40°42'08.45" N 07°59'05.9" W

Pequena mamoa com as mesmas características da anterior, foi parcialmente destruída por um caminho carreteiro. Pode encerrar uma estrutura do tipo cista e estruturalmente do mesmo tipo dos monumentos 4, 5 e 6 do núcleo das Queimadas.

Mamoa 8 das Queimadas

Coordenadas Geográficas: 40°42'06.2" N 07°59'17.4" W

Mamoa de terra e pedras, truncada a sul pela Rua das Eiras (estrada de acesso à Subestação eléctrica da Bodiosa), conservando-se apenas a sua metade norte. O diâmetro é de 13m. Não são visíveis esteios.

Mamoa 9 das Queimadas

Coordenadas Geográficas: 40°42'06.7" N 07°59'18.9" W

Mamoa de terra e pedras, truncada a sul pela Rua das Eiras (estrada de acesso à Subestação eléctrica da Bodiosa), conservando-se apenas a sua metade norte. O diâmetro é de 10m. Do lado oposto à estrada encontra-se um provável esteio deste monumento deslocado.

3.1.3. Núcleo da Lameira do Fojo

Mamoa 1 do Fojo

CNS 2427 Coordenadas Geográficas: 40°41'54.7" N 07°58'49.5" W

Este monumento encontra-se situado no lugar da "Lameira do Fojo", numa zona aplanada à cota média de 532m, em área de pinhal, junto a um caminho de terra batida que se dirige para a "Senhora do Castro", cerca de 400m para E. da aldeia da Lobagueira.

Referenciado pela primeira vez por Amorim Girão (1923-24: 285) este monumento foi parcialmente escavado em 1966 por Vera Leisner e Leonel Ribeiro, permitindo a obtenção de algum espólio que, com as devidas reservas, parece apontar para um momento antigo do megalitismo beirão,

⁴ A intensa cobertura vegetal que cobre o terreno, facto que ocorria já em 1991, não permitiu a correta descrição das mamoas 6 e 7.

não parecendo ter existido uma reutilização posterior (Leisner, 1998: 34 e Estampas 21, I-15-43, 22, e 23). Durante estes trabalhos foi identificado o motivo pintado num dos esteios da câmara. Serão estas pinturas que E. Shee Towig vem ver e estudar na década de 70 do século passado, acrescentando novos motivos que colocam este monumento numa posição ímpar no contexto do megalitismo europeu.

A Mamoa 1 da Lameira do Fojo, classificada como Imóvel de Interesse Público (Decreto nº 26-A/92 de 1 de Junho), encerra um dólmen de corredor desenvolvido, cuja câmara se apresenta muito destruída, conservando apenas três dos nove ou onze esteios que primitivamente constituíam esta parte do monumento. O estado atual dos elementos pétreos existentes é o seguinte: E.9 – completo, in situ; E.10 – Idem; E.11 – fragmentado ao nível médio inferior, mas com a base no sítio original. A altura máxima visível da câmara é de 1,98m.

O corredor, diferenciado da câmara em planta e secção, apresenta-se em óptimo estado de conservação e parcialmente obstruído, mantendo grande parte das lajes de cobertura. É composto por oito esteios do lado sul e dez do lado norte. Com exceção do esteio 13, fracturado ao nível da base e tombado para o interior, e do esteio 21, ligeiramente deslocado, todos os outros se conservam completos e nas suas posições primitivas.

O mesmo é extensivo às lajes de cobertura, em número de cinco, faltando apenas a que se apoiaria nos esteios 7, 13 e 14. O corredor, com uma altura mais ou menos constante e com todos os seus esteios sobrepostos, vai alargando à medida que se aproxima da entrada da câmara. O comprimento total é de aproximadamente 6,50m; a largura, à entrada, a meio e no término deste é, respetivamente, de 0,40m, 0,96m e 1,92m. Orientado a E.SE.

O tumulus, em terra e pedras, e cobrindo parcialmente as lajes do corredor, é de grandes dimensões, com cerca de 3m de altura, e muito alongado no sentido nascente, medindo, no seu eixo maior (E.-O.), cerca de 30m. No lado norte apresenta-se ligeiramente cortado pelo caminho de terra batida.

Na área fronteira ao corredor conservam-se vestígios de outras estruturas que parecem relacionar-se com o sistema de acesso ao monumento – “corredor intratumular” e “átrio” – paralelizáveis com outras do mesmo tipo recentemente estudadas no Centro e Norte de Portugal.

Mamoa 2 do Fojo

CNS 5086 Coordenadas Geográficas: 40°41'50.7" N 07°58'47.2" W

Mamoa de grandes dimensões de contorno subcircular, com 18m de diâmetro do eixo N-S, composta por pedras de granito parcialmente truncada a este pelo estradão, apresentando cerca de 3m de altura e uma profunda e

extensa cratera de violação central que se estende para sul, por onde terão sido arrancados os esteios.

Mamoa 3 do Fojo

CNS 5086 Coordenadas Geográficas (medida aproximada): 40° 41' 52.71"N
 07° 58' 47.63"W

Mamoa referida no mapa de Vera Leisner (Leisner, 1998: estampa 21, A) e por Inês Vaz que diz “Entre as duas, situa-se a mamoa do Fojo 3, de que resta apenas a base circular, pois o monumento foi completamente destruído (Pedro *et alii*: 119).

Atualmente, não foi possível a identificação deste monumento.

Mamoa dos 25 Marcos

CNS 5063 Coordenadas Geográficas (aproximadas): 40° 41' 58.53"N
 07° 58' 58.68"W

Na década de 20 do séc. XX, no âmbito de prospecções que então desenvolvia no concelho, Amorim Girão mencionava a existência de uma grande mamoa, com cerca de 30m de diâmetro, cujas grandes pedras haviam sido retiradas para construções várias. Colheu ainda a informação de que “(...) em volta daquele morouço (...), havia em tempos, um passeio, como na Cava de Viriato, em Viseu (...)” adiantando a hipótese de estar-se perante um “(...) monumento sepulcral (...) rodeado por um círculo de pedras ou cromelech” (Girão, 1923-24: 284-285).

Atualmente, os únicos vestígios deste monumento limitam-se a um amontoado caótico de elementos graníticos, de dimensões várias, que, muito provavelmente, fariam parte da estrutura do tumulus. Há algumas dezenas de anos foi completamente arrasado a fim de possibilitar um melhor aproveitamento agrícola do terreno onde estava implantado. Segundo o parecer de um popular que participou nessa mesma destruição, terão sido arrancados grandes blocos de pedras semelhantes aos da Lameira do Fojo 1.

Tendo como base estas informações, cremos que este seria um dólmen de corredor com uma dimensão considerável.

3.1.4. Núcleo das Pereiras

Mamoa 1 de Pereiras

Coordenadas Geográficas: 40°42'12.3" N 07°59'54.5" W 524m

Tumulus implantado sobre um pequeno relevo natural, apresentando um contorno ovalado com cerca de 17,5 de diâmetro N-S e 19m de diâmetro E-O. A altura é de aproximadamente 1,5m. Ostenta uma pequena depressão central, não sendo visível qualquer esteio da sua estrutura interna.

Mamoa 2 de Pereiras

Coordenadas Geográficas: 40°42'11.9" N 07°59'52.6" W 531m

Montículo tumular, aparentemente de médias dimensões e talvez bastante compactado, com cerca de 10m no eixo N-S e 12m no eixo E-O., sendo a altura de cerca de 1m. Apresenta depressão central, embora não muito profunda, sendo visíveis dois esteios da câmara, inclinados para o interior e aflorando acima do solo atual em cerca de 0,34m e 0,40m.

Poderá corresponder ao mencionado por Amorim Girão (GIRÃO, 1923-24: 285) e, eventualmente, ao que mereceu a atenção por parte de Vera Leisner e Leonel Ribeiro (RIBEIRO & LEISNER, 1968 : 13).

Mamoa 3 de Pereiras

40°42'15.7" N 07°59'32.6" W 530m

Monumento identificado no âmbito dos trabalhos de acompanhamento arqueológico da instalação da linha elétrica (Canha & Costa, 2005).

Trata-se de uma mamoa em terra e pedra, de planta elíptica com 8m de diâmetro N-S e 12,30m de diâmetro E-O e cerca de 1m de altura.

Da esqueleto pétreo é possível observar-se o topo de 3 esteios em granito que aparentam estar fraturados pelo topo, estando 2 deles in situ.

O asseio da linha tem contribuído para a quase total destruição deste monumento.

5. A ARTE MEGALÍTICA DA LAPA DO REPILAU

Os resultados do levantamento da arte megalítica da Lobagueira foram dados a conhecer publicamente por um de nós (PSC) no IIº Colóquio Internacional sobre Arqueologia de Transição: o mundo funerário, realizado em Évora entre os dias 29 de Abril e 1 de Maio de 2013.

Um aspecto interessante relativamente à arte megalítica e, em particular, da Lapa do Repilau, prende-se com o que foi observado e não o que não foi, à passagem de diversos estudiosos e ao longo de quase um século. O monumento foi identificado em 1921 por Amorim Girão (1923-1924) que apenas menciona a presença de fossetes nalguns esteios do corredor. Tampouco Leonel Ribeiro (1968) se refere à existência de representações gráficas na câmara. De igual modo, E. Shee Twohig, na sua obra seminal "The Megalithic Art of Western Europe" (1981), regista somente as pinturas da mamoa 1 do Fojo, que inventaria sob a designação 'Lubagueira 4', seguindo as indicações de Celso Tavares da Silva (1981: 151). A autora menciona a Lapa do Repilau apenas como referência de localização do monumento que estudou constante no artigo de A. Girão (idem, ibidem). Já nos finais da década de 1990 e inícios do ano 2000, Fernando Carrera, no âmbito do seu doutoramento, e seguindo as mesmas referências bibliográficas, efetua registo fotográfico dos esteios pintados da mamoa do Fojo, visita a Lapa do

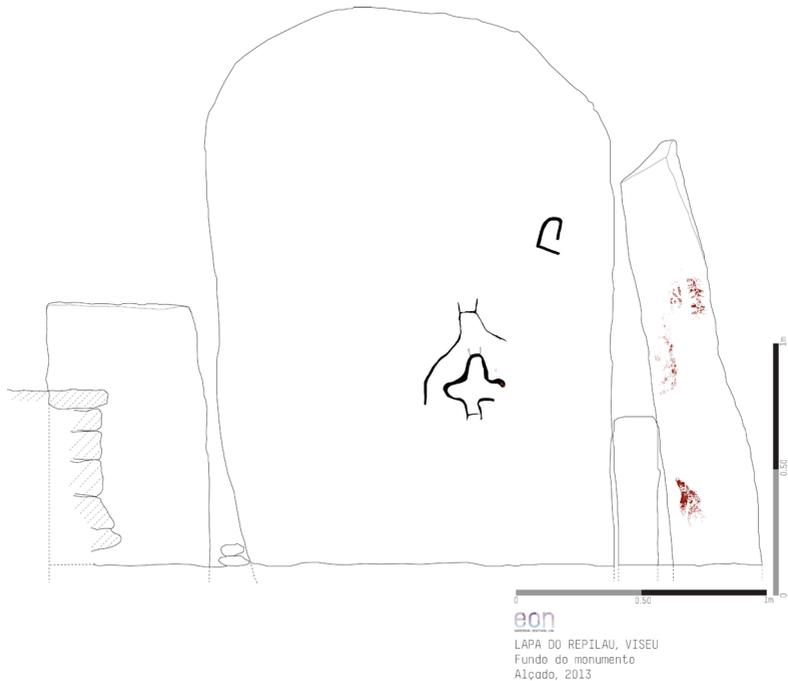


Figura 3: Vista dos motivos no alçado S-N da câmara da Lapa do Repilau.

Repilau mas menciona apenas a presença de gravuras (Carrera, 2011: 170 e lâmina 5.3-3), recorrendo a informações contidas no relatório inédito da autoria Domingos Cruz (1989) que procedera à escavação do monumento na década anterior.

A Lapa do Repilau ostenta figurações pintadas e/ou gravadas em dois dos esteios da câmara funerária: no monumental esteio de cabeceira e no que se encontra imediatamente a norte (figura 3). O acervo representa, cremos, uma pequena parte da decoração que originalmente recobriria aqueles elementos pétreos. Tal como se pode apreciar na fotografia publicada por Amorim Girão (1923-1924: 283), a laje de cobertura da câmara⁵ encontrava-se ligeiramente inclinada para norte, abrigando o esteio onde se conservam os motivos pintados, enquanto o de cabeceira, onde apenas se registam gravuras e um pequeno traço pintado, se encontrava exposto aos elementos. Já E. Shee Twohig assinalara que a presença da laje de cobertura permite a melhor conservação da pintura na medida em que está ausente de todos os monumentos que apresentam apenas gravuras, à exceção de dois (1981: 34).

Neste artigo apresentamos os registos gráficos dos dois ortostatos decorados obtidos durante os trabalhos de levantamento da arquitetura da Lapa do Repilau em 2013. O esteio de cabeceira, com c. de 2, 20m x 1, 60m, de granito de grão fino a médio, exhibe, a c. de 0, 60 m do solo, dois motivos de feição vagamente antropomórfica. Esta é sugerida, na figura de cima, pelo contorno da cabeça e ombros e, na figura de baixo, inserida no corpo volumoso incompleto da primeira, também pelos braços e torso que configuram uma morfologia cruciforme. Ambas ostentam duas pequenas linhas retas verticais na zona da cabeça. O corpo largo do motivo 2 recorda, de certa forma, as imagens da chamada 'pele esticada de animal'. Não se tratam de representações comuns no reportório figurativo da arte megalítica peninsular, sobretudo na sua forma gravada. Pode encontrar-se um paralelo aproximado para o motivo 1 a figura de feição cruciforme da Orca de Forles ou mesmo do contorno da zona superior (cabeça e membros superiores) do antropomorfo pintado no esteio 5 do dólmen de Vila-rinho da Castanheira.

Um outro aspeto muito relevante nesta composição é a presença de um segmento de linha pintada a vermelho que ocupa o interior de um dos sulcos na extremidade superior direita do motivo 1 e se estende para o seu exterior (Fig. 4). A c. de 0, 50 m desta composição registou-se um outro motivo gravado a picotado com forma de gancho, sendo a base marcada por uma linha reta.

O esteio imediatamente à direita da laje de cabeceira exhibe um magnífico conjunto de motivos figurativos pintados a vermelho, de traço esquemático, entre os quais se contam dois antropomorfos, um ramiforme e um provável zoomorfo (Figs. 5 e 6). O motivo 1 surge na zona inferior esquerda do ortostato, a c. de 0, 20 m da linha do solo atual e configura a representação de uma figura humana com cabeça alongada, braços delineados a traço grosso e pernas em arco. O motivo 2 encontra-se bastante delido, porém sugere-se que se tratará da representação esquemática de um quadrúpede, figurado na vertical. Na parte superior do esteio encontram-se duas figuras lado a lado. O motivo 3 é um antropomorfo esquemático, bastante delido na zona da cabeça, que apresenta um ponto entre os membros inferiores, detalhe que remete claramente para o universo estilístico da Arte Esquemática pintada e gravada ao ar livre. Do seu lado direito foi representado um ramiforme (motivo 4) formado por um eixo vertical sobreposto por seis traços paralelos.

Há dois aspetos principais a salientar relativamente aos recursos técnicos e acervo figurativo identificáveis na decoração plástica da câmara.

⁵ O autor refere que a laje de cobertura, hoje desaparecida, teria contorno "grosseiramente hexagonal", media 2, 50 m de comprimento por 2, 40 m de largura, e encontrava-se disposta obliquamente (Girão, 1923-1924: 284).



Figura 4: Pormenor do segmento de linha pintada a vermelho que ocupa o interior de um dos sulcos na extremidade superior direita do motivo 1.

A presença de pintura no interior de um sulco gravado vem consubstanciar a proposta avançada por F. Carrera e R. Fábregas de que na maioria dos monumentos que hoje apenas conservam gravuras, terá existido igualmente pintura simples que poderia ser aplicada sobre os sulcos, complementando o seu desenvolvimento (2006: 80-81). Do conjunto de arte parietal em sepulcros megalíticos no norte e centro de Portugal, são 16 aqueles onde se verifica a complementaridade entre pintura e gravura, sendo que no dólmen do Juncal, Mota Grande e Aliviada se pode ainda observar pigmento vermelho no interior dos sulcos gravados. Esta complementaridade parece ser relativamente frequente. Mais se acresce que a identificação de elementos dormentes de mãos manuais com vestígios de pigmento em monumentos onde apenas são hoje observáveis gravuras, a exemplo da mamoa 1 do Taco (Alves e Carvalho, 2017) ou do dólmen 1 do Carapito (Ribeiro, 1968) poderá ser indicador de que outrora essa complementaridade poderá ter existido naqueles túmulos.

Por seu lado, no que respeita à iconografia presente na Lapa do Repilau, observa-se um certo contraste entre o conjunto de motivos pintados e gravados, sendo que o primeiro encerra uma notória coerência estilística, integrando figurações com paralelos noutros monumentos megalíticos do inte-

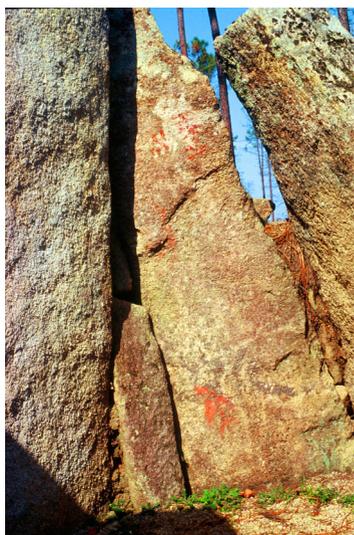


Figura 5: Motivos pintados com imagem polarizada.

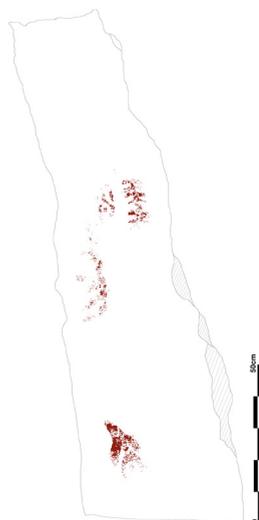


Figura 6: Levantamento das pinturas do esteio lateral.

rior centro e norte da Península, assim como em sítios com Arte Esquemática, quer pintada, quer gravada. Como se sabe, esta última tradição artística em formações rochosas naturais é tipificada pela figuração esquematizada da figura humana e as características técnico-morfológicas dos antropomorfos presentes no monumento em apreço são indissociáveis dos que ocorrem nas pinturas rupestres em abrigos. São, aliás, numerosos os exemplos de antropomorfos esquemáticos pintados em contexto megalítico. Eles surgem na vizinha mamoa 1 do Fojo (Lubagueira 4), na sobejamente conhecida Orca de Juncais, Arquinha da Moura, Orca do Tanque, dólmen de Zedes, Padrão e no dólmen do Picoto do Vasco. Algumas tipologias surgem mesmo nos três tipos de suporte, como é o caso do motivo 1 da Lapa do Repilau que apresenta semelhanças formais com um dos antropomorfos no abrigo das Lapas Cabreiras (Reis, *et al.* 2017), com um outro pintado no dólmen do Padrão (e.g. Shee, 1981) e com o motivo 92 gravado na rocha F-155, no vale do Tejo (Baptista, 1981). O detalhe que acima assinalámos relativamente ao motivo 3, surge numa das figuras que integra a composição central do abrigo 1 do Colmeal (Reis, *et al.* 2017) e num dos antropomorfos pintados no dólmen de Zedes (e.g. Shee, 1981, Fig. 32). Os ramiformes são conhecidos em contexto megalítico nos dólmenes de Pedralta e Mamaltar de Vale de Funchas (*idem, ibidem*). Em formações rochosas naturais ocorrem nos abrigos

da Pala Pinta, no abrigo 1 da Ribeira do Mosteiro e no painel A do Forno da Velha (Figueiredo, 2013). Curiosamente, tal como sucede na Lapa do Repilau, neste último abrigo verifica-se a associação entre ramiformes e zoomorfos no mesmo painel, sendo que a mesma ocorre no dólmen de Cubillero de Lara (Burgos). A associação entre motivos zoomórficos e antropomorfos é bem conhecida dos dólmenes da Arquinha da Moura e Orca de Juncais.

6. NECRÓPOLE DA LOBAGUEIRA: ARTE E ARQUITETURAS NO CONTEXTO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO NORTE DE PORTUGAL

Na descrição da iconografia registada na Lapa do Repilau, sublinhou-se a relação morfo-estilística entre o acervo de motivos pintados e o repertório figurativo da pintura esquemática em abrigos sob rocha. É hoje consensual que a presença destes motivos nos dólmenes da Beira Alta e Trás-os-Montes vai ao encontro da proposta de Primitiva Bueno e Rodrigo Balbin (1992) de que a arte megalítica pode ser considerada uma expressão da Arte Esquemática.

Porém, um de nós (LBA) tem vindo a enfatizar a ideia de que se se atender às características da arte no interior dos monumentos megalíticos na Galiza ocidental e litoral norte de Portugal, verifica-se que a sua expressão é maioritariamente abstrata e geométrica, o que motivou, a seu tempo, J. M. Bello Diéguez a individualizar este conjunto sob a designação de “grupo norocidental de arte megalítica” (e.g. Alves, 2003; 2009). O mesmo autor sugeriu mesmo que se poderia definir uma ‘zona de transição’ entre este e o chamado ‘grupo de Viseu’ ao longo do cordão montanhoso galaico-duriense (Bello Diéguez, 1995).

Este aspeto conduz à necessária reflexão em torno da relação espacial, temporal e estilística entre as diversas tradições artísticas que convergem no centro-norte de Portugal no Neolítico. De acordo com os conhecimentos atuais, a Arte Atlântica e a pintura Esquemática ocupam áreas diferenciadas no norte de Portugal, correspondendo às duas grandes áreas biogeográficas europeias que convergem no noroeste peninsular: a região Atlântica e a região Mediterrânica (Alves, 2012). Considerando a nossa proposta de recuo da cronologia da origem da Arte Atlântica para o IV^o milénio a.C., estas duas tradições rupestres teriam sido parcialmente contemporâneas.

Um simples exercício cartográfico permite verificar que a área por onde se distribui a arte megalítica de tendência abstrata e geométrica coincide, grosso modo, com a distribuição geográfica da Arte Atlântica peninsular (Alves, 2003). Pese embora sejam escassos os motivos individuais comuns à

tradição megalítica e à arte de ar livre, à exceção da combinação de círculos concêntricos gravada num esteio da Mota Grande (Baptista, 1997), as semelhanças formais das composições em câmaras dolménicas ao longo da área da fachada Atlântica do Noroeste consubstanciam a existência de um certo 'ar de família' (e.g. Alves, 2003; 2009, 2014). Mas, as questões que mantemos é são as seguintes:

- se a criação da Arte Atlântica em afloramentos rochosos está intimamente relacionada com a perceção e experiência da paisagem, seria expectável que exatamente as mesmas convenções fossem aplicadas no interior dos monumentos megalíticos, imbuídos de distinta funcionalidade?

- poderíamos estar a lidar com um amplo sistema de representação simbólica de carácter iminentemente abstrato com convenções estilísticas diferentes, uma vocacionada para contextos funerários, outra que incita à perceção da paisagem, a arte de ar livre, uma «arte geográfica», como a definiu R. Bradley (1997)?

A necrópole da Lobagueira é, sem dúvida, um dos mais fantásticos conjuntos tumulares pré-históricos do concelho de Viseu. Do conjunto de 19 monumentos, apenas 3 foram arqueologicamente intervencionados, sendo que os resultados se encontram, na sua maioria, por tratar e divulgar, dificultando, obviamente uma análise de conjunto. Mesmo assim, julgamos poder fazer algumas considerações gerais que servirão, essencialmente, como base para futuros trabalhos que privilegiem o estudo do conjunto tumular e não um ou outro monumento isolado.

Esta necrópole integra, numa área relativamente restrita, monumentos de diversas cronologias e arquiteturas. Se, por um lado, se podem observar dólmenes complexos, de câmara e corredor, edificados no Neolítico, como a Lapa do Repilau, a Mamoa 1 da Lameira do Fojo e muito provavelmente a Mamoa da Cabecinha Aguda, Mamoa 3 das Queimadas, a Mamoa dos 25 Marcos e a Mamoa 2 do Fojo, também são registados dólmenes simples, com uma cronologia igualmente neolítica (?), como as mamoas 1 e 2 das Queimadas. Por outro lado, à semelhança de tantas outras necrópoles da Beira Alta, a necrópole foi crescendo, num verdadeiro movimento de necropolização, sendo de registar, pelo menos para a Idade do Bronze, a edificação de novos monumentos como a Antela do Repilau e, mais tarde, já nos finais da Idade do Bronze, as mamoas 4 a 9 das Queimadas.

Contudo, alguns monumentos complexos, como a Lapa do Repilau e a Mamoa 1 da Lameira do Fojo, terão tido uma reocupação posterior ao Neolítico, podendo abarcar um período amplo que compreende o Calcolítico Final/ Bronze Inicial evidenciado essencialmente pelo carácter evolucionado de

alguns dos materiais líticos e cerâmicos.

Em conclusão, a necrópole da Lobagueira parece obedecer a um padrão que se começa a desenhar em que algures no Neolítico final entre os finais do V/inícios do IV milénio a. C. terão sido edificados grandes monumentos de corredor e, muito provavelmente, monumentos de câmara simples (esta é ainda uma questão em aberto que apenas poderá ser respondida com futuros trabalhos em dólmenes desta tipologia). Mais tarde, no Calcolítico/inícios da Idade do Bronze, por volta do III milénio alguns destes monumentos de corredor terão sido reutilizados, mas assistir-se-à igualmente à construção de novos monumentos, sobretudo na Idade do Bronze. Efetivamente, embora não haja cronologias absolutas para a Antela do Repilau, a sua implantação topográfica, a sua arquitetura e o espólio exumado, apontam para que seja um monumento enquadrável nos inícios ou meados da Idade do Bronze, refletindo uma nova postura perante a morte, simbolizada então na construção de monumentos de carácter individual. O epílogo deste movimento tumular termina com a proliferação de pequenos *tumuli*, construídos nos finais da Idade do Bronze, entre os séc. XI e IX a. C., que tanto satelizam os monumentos neolíticos, como é o caso do núcleo das Queimadas, como formam autênticas necrópoles que se distribuem por toda a região centro com exemplos flagrantes na Plataforma Central, junto à cidade de Viseu [necrópoles da Casinha Derribada e Serra da Muna - Monumento 4 da Serra da Muna, Viseu (Cruz *et alii*, 1998)], na Serra do Montemuro [necrópole da Senhora da Ouvida (Cruz & Vilaça, 1999)], na Serra do Caramulo [necrópole das Almas do Capitão, Albitelhe, Vale de Espinho] (Carvalho & Carvalho, neste volume), no Maciço da Gralheira (Silva, 1997) e, mais recentemente, na Cordilheira Central, a sul da Serra da Estrela (Caninas *et alii*, 2008). Este universo dos *tumuli* dos finais da Idade do Bronze é extremamente interessante, mas muito complexo, com estruturas que compreendem cistas, covachos, recintos pétreos, estruturas anexas, etc, cujo estudo ainda se encontra numa fase muito precoce e que merece tratamento num texto de outro âmbito (Vilaça, 2017).

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Lara Bacelar (2003) - *The movement of Signs-Post-glacial rock art in North-western Iberia. Department of Archaeology. PhD thesis. Universidad de Reading.*
- ALVES, Lara Bacelar (2009) - *O sentido dos signos - reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glaciar no Norte de Portugal*, in R. de Balbín Behrmann (ed), *Arte Prehistórica al aire libre en el sur de Europa*, Junta de Castilla y Leon: 381-413
- ALVES, Lara Bacelar (2012) - *The circle, the cross and the limits of abstraction and figuration in north-western Iberian rock art*, in A. Cochrane and A. Jones (eds.), *Visualising the*

Neolithic: abstraction, figuration, performance, representation. *Neolithic Studies Group Seminar Papers 13. Chapter 13.* Oxbow Books. Oxford: 198-214

ALVES, Lara Bacelar (2014) - *Intermitências: a arte e a Idade do Bronze no Ocidente peninsular, A Idade do Bronze em Portugal, Antrope – série monográfica □Em linha□ n.º 1*, Centro de Pré-história, Instituto Politécnico de Tomar : 15-51 Disponível em linha http://www.cph.ipt.pt/?pagina=unidade_editorial_e_didactica&seccao=revista_antrope-&media=monografia&lang=PT#media

ALVES, Lara Bacelar e CARVALHO, Pedro Sobral de (2017) - *A arte megalítica da Mamoa 1 do Taco (Albergaria-a-Velha, Aveiro). Novos resultados. Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão - Actas do II Congresso da Associação Portuguesa de Arqueólogos, Lisboa: 1001-1015*

BAPTISTA, António Martinho (1981) - *A rocha F-155 e a origem da arte do vale do Tejo. Monografias arqueológicas 1.* Porto: GEAP

BELLO DIÉGUEZ, J. M. 1995. *Arquitectura, arte parietal y manifestaciones escultóricas en el Megalitismo noroccidental*, in F. P. Losada and L. Castro Pérez (eds.), *Arqueología e arte na Galicia Prehistórica e Romana, Monografias 7*, A Coruña: Museu Arqueolóxico e Histórico de A Coruña

CANHA, Alexandre; COSTA, Fátima (2005) - *Relatório final dos trabalhos de acompanhamento arqueológico: Linha A 60 KV Bodiosa – Gumiei – Apoios n.º 1, n.º 2 e n.º 3; Linha A 60KV Orgens – Bodiosa – Apoios n.º 49, n.º 48 e n.º 47. Zéphyrus. Policopiado.*

CANINAS, João Carlos; CANHA, Alexandre; SABROSA, Armando; HENRIQUES, Francisco; HENRIQUES, Fernando Robles; CORREIA, Alexandre; CHAMBINO, Mário (2004) - *Aditamento ao Estudo de Incidências Ambientais do Parque Eólico de Fornelo do Monte e Interligações Eléctricas a Vouzela, Bodiosa e Tondela, Emerita, Empresa Portuguesa de Arqueologia, policopiado.*

CANINAS, J. C.; Sabrosa, A.; HENRIQUES, F.; MONTEIRO, J. L.; CARVALHO, E.; Batista, Á.; CHAMBINO, M.; HENRIQUES, F. R.; MONTEIRO, M.; CANHA, A.; CARVALHO, L.; GERMANO, A. (2008), *Novos dados para o conhecimento da Pré-História Recente do Maciço Central na Beira Interior Sul. Tumuli e Gravuras Rupestres na Serra Vermelha e na Serra de Alvélos (Oleiros – Castelo Branco), Atas das I Jornadas do Património de Belmonte, Câmara Municipal de Belmonte, pp. 1-38.*

CARRERA RAMÍREZ, Fernando (2011) – *El Arte parietal en los monumentos megalíticos de I Noroeste Ibérico, BAR International series 2190.* Oxford

CARRERA RAMÍREZ, Fernando e FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (2006) – *Arte parietal megalítico en el Noroeste Peninsular. Conocimiento y conservación. Tórculo Edicións, Santiago de Compostela*

COELHO, José (1933-1934) - *Cadernos de Notas Arqueológicas. n.º 12, fl. 24.*

CRUZ, Domingos J. Da (1990) – *Visita de estudo. Itinerário Pré-histórico. Os monumentos megalíticos e de tradição megalítica. II Colóquio Arqueológico de Viseu (Viseu, Abr. 1990). policop.*

CRUZ, Domingos J. da; CUNHA, Ana Maria Leite da; GOMES, Luis Filipe C.; CARVALHO, Pedro Sobral de (1989) - *Escavação da Antela do Repilau (Couto de Cima, Viseu). Beira Alta. vol. XLVIII (fasc. 3-4). pp. 387-400.*

CRUZ, Domingos; GOMES, Luís Filipe; CARVALHO, Pedro Sobral de (1998a), *O grupo de tumuli da Casinha Derribada (Concelho de Viseu). Resultados preliminares dos trabalhos de escavação dos monumentos 3, 4 e 5, Conímbriga, 37, pp. 5-76.*

- CRUZ, Domingos; VILAÇA, Raquel (1999), *O grupo de tumuli da Senhora da Ouvida (Monteiros, Castro Daire, Viseu). Resultado dos trabalhos arqueológicos, Estudos Pré-históricos, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta*, vol. VII, pp. 129-161.
- FIGUEIREDO, Sofia Soares de (2013) – *A arte esquemática do Noroeste Transmontano: contextos e linguagens. Universidade do Minho. Tese de doutoramento. 2 vols*
- GIRÃO, Amorim (1923-1924) - *Monumentos pré-históricos do concelho de Viseu. O Arqueólogo Português. 1ª Série. 26. Lisboa, pp. 282-288.*
- GOMES, Luís Filipe Coutinho Lopes; CARVALHO, Pedro M. Sobral de (1995) – *A Mamoa 1 da Lameira do Fojo (Couto de Cima, Viseu). Estudos Pré-históricos. Vol. III. Centro de Estudos Pré-históricos, pp. 213-221.*
- LEISNER, Vera (1998), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Western, 4. Lieferung, Walter de Gruyter, Berlin-New York.*
- MOITA, Irisalva (1966) - *Características predominantes do grupo dolmênico da Beira Alta. Ethnos, 5. Lisboa. pp 189-277.*
- PEDRO, Ivone; VAZ, João L. Inês; ADOLFO, Jorge (1994) - *Roteiro Arqueológico da Região de Turismo Dão Lafões. Viseu.*
- REIS, Mário, ALVES, Lara Bacelar, CARDOSO, João Muralha, CARVALHO, Bárbara (2017) - *Art-facts – os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Côa. In Garcês, S., Gomes, H., Martins, A. e Oosterbeek, L., A Arte das Sociedades Pré-históricas (Actas do IV Congresso de Doutorandos e Pós-doutorandos, 26-29 de Novembro, Mação, 2015), Techne 3 (1): 97-111*
- RIBEIRO, Leonel (1968). *Relatório dos trabalhos da missão arqueológica Leisner/Ribeiro, realizados na Beira Alta, de 30 de Abril a 24 de Agosto de 1966, todos eles subsidiados pela Gulbenkian, Arqueologia e História. 9ª Série. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 11-28.*
- SILVA, Fernando Augusto Pereira da (1997), *Contextos Funerários da Idade do Bronze nos Planaltos Centrais do Centro-Norte Litoral Português: tradição ou inovação? II Congresso de Arqueologia Peninsular, Tomo II – Neolítico, Calcolítico y Bronce, Fundación Rei Afonso Henriques, Zamora, pp. 605-620.*
- VILAÇA, Raquel (2017), *Da morte e seus rituais em finais da Idade do Bronze no Centro de Portugal: 20 anos de investigação, in Atas da Mesa-Redonda ‘A Pré-história e a Proto-história no Centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro’ (Mangualde, Nov. 2011), Estudos Pré-históricos, vol. XVII, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, Viseu, pp. 101-133.*

